

A RECEPÇÃO DA 'ESCOLA DOS ANNALES' NA EUROPA E NAS AMÉRICAS: ALGUMAS REFLEXÕES

THE RECEPTION OF THE ANNALES SCHOOL IN EUROPE AND THE AMERICAS: A FEW REFLECTIONS

Diogo da Silva Roiz¹

ROIZ, D. S. A Recepção da 'Escola dos Annales' na Europa e nas Américas: Algumas Reflexões. **Akrópolis**, Umuarama, v. 16, n. 4, p. 211-226, out./dez 2008.

RESUMO: O objetivo deste artigo foi discorrer algumas formas de recepção de um relato sobre a história do surgimento da revista Annales, elaborado entre os anos de 1960 e 70, a partir da subdivisão do grupo em 'gerações', em torno de uma mesma 'escola historiográfica', cujas bases estariam no projeto pioneiro de Lucien Febvre e Marc Bloch.

PALAVRAS-CHAVE: Revista annales; Escola dos annales; Relato fundador; Historiografia francesa.

ABSTRACT: The purpose of this article was to discourse about some ways of reception of a report on the story of the Annales magazine, elaborated between the 60's and the 70's, from the subdivision of the group into "generations" around the same "historiographic school", whose bases would be on the pioneering project of Lucien Febvre and Marc Bloch.

KEYWORDS: Annales magazine; School of annales; Founding report; French historiography.

¹ Professor do Departamento de História da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade de Amambai. Coordenador do curso de História. Mestre em história pela Unesp, Campus de Franca.

É tempo de examinar a carreira do movimento dos Annales além fronteiras – não só da França mas da própria ciência histórica (...). Na verdade, os Annales tiveram uma má-recepção em muitos lugares (BURKE, 1997, p. 109).

INTRODUÇÃO

Propõe-se a analisar, neste artigo, a recepção do grupo ao redor da revista Annales em outros países. Constituído-se, nas últimas décadas, como uma comunidade mundial, os historiadores formaram redes internacionais, por meio das quais promovem debates e conduzem, ainda que não homoganeamente, os níveis e tipos de produção historiográfica. Tendo como base esse novo contexto social, o objetivo deste artigo foi discorrer algumas formas de recepção de um relato sobre a história do surgimento da revista Annales, elaborado entre os anos de 1960 e 70, a partir da subdivisão do grupo em 'gerações', em torno de uma mesma 'escola historiográfica', cujas bases estariam no projeto pioneiro de Lucien Febvre e Marc Bloch¹. Identificaram-se, nesse sentido, proximidades e divergências, principalmente, entre a historiografia francesa, em especial aquela feita pelos Annales, e o marxismo. Neste ponto, verificou-se que houve uma revisão sobre o relato construído a respeito da história da revista Annales, porque a 'Nova História Cultural', revelou-se como um movimento internacional, disposto, principalmente, entre a França, os Estados Unidos, a Inglaterra, a Itália e a Alemanha. A versão da história geral da historiografia, construída para identificar o desenvolvimento dos estudos históricos entre o final do século XIX e parte do século XX, que culminaria com a ascensão, nas décadas de 1960 e 70, da 'Nova História' na França, já se indicava insuficiente para caracterizar os avanços produzidos em outros países, e de forma

simultânea, àqueles que foram feitos pelo grupo dos Annales.

Ao se destacar, entretanto, a importância do grupo que se formou ao redor da revista Annales, em suas diferentes fases, sobre os avanços dos estudos históricos no século XX, acabava-se, quase sempre, por se reduzir à contribuição de outros grupos de historiadores e cientistas sociais, que simultaneamente desenvolviam procedimentos de pesquisa e análises de fontes e objetos. De fato, o movimento dos Annales acabou favorecendo aquela interpretação, quando definiram, na escrita de sua própria história, uma linha evolutiva que perpassaria a 'escola metódica francesa', indo à 'escola dos Annales' e, enfim, culminando na 'Nova História'. Essa tese, que esteve incorporada aos escritos do grupo, a que se denominou de 'terceira geração' do movimento, foi também a base de um relato que alcançou um consenso, mesmo entre os maiores críticos da 'Nova História' francesa. Em geral, porque, mesmo eles, se fundamentavam nos escritos de autores vinculados ao movimento, reduzindo suas interpretações 'a favor' ou 'contra' os argumentos elaborados, pela geração de historiadores dos Annales surgidos nos anos de 1960 e 70 (SILVA, 2001).

A História do Movimento dos Annales

A partir das transformações efetuadas na revista Annales, no final da década de 1980, uma outra interpretação está sendo construída sobre a história do movimento dos Annales e a sua contribuição no conjunto das 'histórias gerais da historiografia francesa contemporânea', e dentro do 'contexto das histórias gerais da historiografia no século XX' (SILVA, 2001). Essa 'nova' interpretação sobre a história do movimento dos Annales vem sendo construída por historiadores de diversas instituições europeias e

*Versões anteriores deste artigo foram apresentadas e publicadas nos anais da III Semana de História da UEMS, unidade de Amambai, em 2005, pp. 41-52 e do VIII Encontro Regional de História da Anpuh, seção de Mato Grosso do Sul, em Dourados, na UFGD, em 2006.

¹ Os historiadores titulares de postos nas universidades francesas passaram de 302, em 1963, para 1.155, em 1991, ou seja, seu número foi quase quadruplicado; os professores de história nas universidades italianas passaram, de 252, em 1951, para 1.115, em 1983, e passaram de 1.300, em 1960, para 1.700, em 1970, nas universidades britânicas, quando eram por volta de 30, em 1900. As consequências são numerosas: a pesquisa profissionalizou-se, quase completamente, às custas dos ilustres acadêmicos, e, como algumas exceções, implantou-se solidamente. O volume de publicações deu um salto: de acordo com a bibliografia anual internacional de história da França, contava-se com cerca de 3.000 publicações (livros, artigos, comunicações...) por ano, nos anos 1920; 5.000; por volta de 1955; 8.000 em 1960; 9.000 em 1963; 10.000 em 1970. Após um decênio de estagnação, o crescimento foi retomado: 11.000 em 1979, 12.000 em 1985, mais de 15.000 em 1991. Enquanto os 'catedráticos' dos anos 1960 podiam ainda dominar uma vasta área, a explosão da produção em todos os setores historiográficos levou a uma especialização mais e mais aguda, a despeito da publicação regular da review articles ou do desenvolvimento das bibliografias informatizadas. É preciso notar, de resto, que essas últimas operam escolhas drásticas, privilegiando fortemente as publicações em inglês, uma vez que os instrumentos informáticos mais potentes encontram-se nos Estados Unidos. É verdade, como lembra oportunamente T. Tackett, que o tamanho da 'comunidade' dos historiadores nos Estados Unidos é sem comparação com a dos outros países do mundo: lá são publicados a cada ano mais de 7.000 livros apenas sobre a história dos Estados Unidos e países da América, contra uns 2.500 na França, para todo o conjunto das ciências sociais". (BOUTIER, J. & JULIA, D. Op. cit, 1998, p. 33-34).

americanas, principalmente devido à publicação de documentos pessoais dos membros das primeiras fases da revista e do desaparecimento parcial da 'memória coletiva', construída sobre a história do grupo, em especial, pelos membros da 'terceira geração' dos Annales. Discute-se, fundamentalmente, não a maneira como ocorreu o desenvolvimento e a expansão do periódico (história que nas suas linhas gerais já foi escrita), mas sim quais as leituras e os 'intercâmbios intelectuais' mantidos entre os membros do grupo, com outros pesquisadores, nas suas diferentes fases. Com isso, busca-se mais saber os níveis de recepção do movimento dos Annales em outros países, visando-se analisar como contribuíram para o desenvolvimento dos estudos históricos daqueles países, e como, por outro lado, receberam contribuições em suas interpretações sobre as sociedades do passado.

Assim, a hipótese levantada é que, no século XX, na medida em que o grupo ao redor da revista Annales adquiriram uma certa 'hegemonia discursiva' na França do pós-guerra, destituindo parcialmente a herança da historiografia tradicional, dita 'positivista' (da 'escola metódica'), desde, pelo menos, os anos de 1950, caminharam paralelamente com o marxismo, pela história (definida de forma genérica como) social e, em alguns casos, também referida como história social e econômica. Assim, os debates em congressos, periódicos e livros sobre a passagem do feudalismo para o capitalismo, alinhavam as produções históricas da França e da Inglaterra, juntamente com as discussões efetuadas em outros países (WOOD, 2001, 2003; CARDOSO, 1983), divulgando de modo peculiar a produção historiográfica francesa, por meio da atuação de Fernand Braudel e seus seguidores. Em uma entrevista concedida em 1995, Peter Burke assim descreveu a forma híbrida e dinâmica do conhecimento histórico:

O problema que se colocava era como trabalhar com essas diferentes abordagens. Na minha opinião não eram alternativas completamente separadas – um entendimento muito inglês, embora em alguns países tenha havido conflitos entre

marxistas e a Escola dos Annales. No entanto, os Annales praticamente entraram na Inglaterra via marxismo, através de historiadores como Hobsbawm, Thompson, que eram afeccionados pelos Annales. Esse grupo acabou formando quase que uma frente comum para combater a história tradicional (PELEGRINI, 1995, p. 12-3).

A recepção das discussões sobre a passagem do feudalismo para o capitalismo², por um lado, junto com a ascensão da revista Annales, como pioneira de outras revistas e projetos historiográficos, por outro, fizeram os integrantes do periódico serem (individual e coletivamente) reconhecidos em outros países. E esse reconhecimento do grupo dentro e fora da França foi um dos pontos a tornarem recorrente a caracterização dos pesquisadores ao redor do periódico e da VI seção da Escola Prática de Altos Estudos, em Paris, como uma 'escola'. Essa denominação culminou com a formulação de um relato sobre a história do grupo, pelos membros da 'terceira geração', que ao divergirem de Fernand Braudel e de parte de sua 'herança intelectual', estes procuraram justificar uma mudança, por elaborarem um 'novo' projeto historiográfico nos anos de 1960 e 70, e uma continuidade, na medida em que procuraram construir uma identidade comum para o grupo em todas as suas fases. Assim, embora critiquem retrospectivamente, nos anos de 1980 e 90, a denominação do grupo como uma 'escola', não a excluíram por estar de acordo com um certo relato sobre a história da historiografia, que descreve a ascensão da 'Nova História' na França.

Desse modo, vários autores têm procurado demonstrar uma relação direta de desenvolvimento entre: 'escola histórica alemã', 'escola metódica francesa', 'escola dos Annales' e 'Nova História', como se a 'história geral da historiografia' do final do século XIX e no século XX fosse uma querela entre 'movimentos intelectuais europeus' e autores alemães e franceses. Essa tese foi a base sobre a qual a 'terceira geração' dos Annales procuraram escrever sua história, com vistas a elaborar uma tradição, em relação aos fundadores do periódico (SILVA, 2001; REIS,

² Para maiores detalhes sobre essas discussões ver: WOOD, E. M. Op. cit, 2001, 2003; HOBBSAWM, E. (org.) História do marxismo. São Paulo: Paz e Terra, 1983-88, 12v.

³ O que se entende por historiografia? A resposta mais comum a essa pergunta é: a história do escrito histórico. E nela compreenderia o estudo do pensamento e da formação de linhas de pesquisa e métodos (tal como se conjuga todo ramo do conhecimento que tem sua história). Pode-se também defini-la como: a análise de autores e obras de referência. No entanto, a preocupação atual está mais voltada para o estudo de temas, a temática, do que ao arrolamento de autores, obras e datas. Quanto ao objeto de análise da historiografia, pode-se dizer que houve mudanças semelhantes. Enquanto, no passado, muitos autores consideravam dignas de serem estudadas apenas as obras ligadas à academia (teses, dissertações, livros e artigos), atualmente se considera que todo escrito histórico faz parte da historiografia, a exemplo de: novelas, filmes, romances, livros didáticos etc. O texto que talvez defina melhor as características da pesquisa em historiografia seja o de Michel de Certeau, *A operação historiográfica* (incluído no livro *A escrita da história* de 1975), no qual disse que esta operação circunscrevia a identificação e o estudo do lugar social, da prática de pesquisa e da escrita – evidentemente associadas ao autor e a época a qual viveu e produziu a sua obra.

2000). Mesmo entre aqueles que não faziam parte, diretamente com o grupo, a manutenção desta história tem sido recorrente.

Como a história da historiografia³ foi escrita na França, após a década de 1970? Essa é uma pergunta importante, e devido ao lugar que este país ocupa ainda hoje no campo dos estudos históricos, já se torna imediatamente justificada de ser feita (e, se possível, respondida). Desde os anos de 1960, a preocupação com a elaboração de balanços, sobre a produção historiográfica e o levantamento de novos caminhos de estudo, foi comum à historiografia francesa. Basta observar a periodicidade com que foram produzidos entre a publicação de *Fazer história*, em 1974, e de *Passados recompostos*, em 1996. Provavelmente, esses debates se tornaram tão comuns naquele país, devido ao alcance e ao sucesso atingido pelo movimento dos *Annales*, após o fim da Segunda Guerra Mundial. Sobre isso vale a pena observar que não foram poucos os estudos que se ocuparam em historiar aquele movimento, e seu impacto na história da historiografia do século XX, como já sugeriu Rogério Forastieri da Silva, no seu livro *História da historiografia* (originalmente uma tese de doutorado, e que foi) publicado em 2001.

Por outro lado, é corriqueira a constatação, segundo a qual se identifica o desenvolvimento da disciplina e da pesquisa histórica, entre os séculos XIX e XX, como uma passagem de hegemonia – e de importância, em função de seus estudos – da Alemanha para a França. Não é preciso aqui elencar exaustivamente o número de obras que confirmaram essa afirmação, ainda mais se observarmos que somente na França existe um número gigantesco de pesquisas sobre esse tema.

Já no começo da década de 1980, Bourdê & Martin (1983), dentre outros, colaboraram na divulgação deste relato, na medida em que se limitaram, no século XX, a demonstrar os avanços da história geral da historiografia, por meio das contribuições da historiografia francesa, do marxismo e do estruturalismo, encerrando com a 'Nova História'. Contudo, não discutiram as contribuições de outros países, como a Inglaterra, a Alemanha, os Estados Unidos, a Itália, junto às histórias gerais da historiografia. Além disso, não indicaram que nesses (e em outros) países

houve a preocupação de se criticar os procedimentos de pesquisa: marxista, positivista, historicista, visto que também produziram 'novas' metodologias para o estudo das sociedades passadas.

Mesmo antes dos anos de 1980, não foram poucos os momentos em que houve a manutenção de um certo discurso historiográfico sobre o surgimento dos *Annales*. Ainda que o procure incorporar de forma crítica, demonstrando a variedade dos 'paradigmas' produzidos pelo grupo⁴, em comemoração ao seu cinquentenário, no ano de 1979, Jacques Revel (1989, p. 11-38) manteve, nas suas linhas gerais, o padrão de um discurso firmado no início dos anos de 1970. De forma não menos contundente foi a maneira como François Furet (1985) se manifestou sobre o tema, enfatizando que:

...esta cristalização universitária de algo que era mais do que uma revista e menos do que uma doutrina contribuiu sobretudo para difundir a falsa ideia de que o grupo dos historiadores dos *Annales* partilharia uma concepção comum e unificada da disciplina, em oposição à tradição (...). Por um lado, o tipo de curiosidades e de investigações preconizado pelos fundadores dos *Annales* propagava-se progressivamente, nos anos cinquenta e sessenta, muito para além do seu meio de origem e junto da maior parte dos historiadores, independentemente da sua aparência institucional. Por outro lado, os historiadores da Escola *stricto sensu* trabalhavam em sentidos por demais diversos para serem facilmente reagrupados sob uma bandeira intelectual comum (p. 8-9).

Ainda que questione a existência de uma 'escola', acabava por não refazer as linhas gerais daquele discurso fundador sobre a história do grupo.

Esse talvez tenha sido também o objetivo principal de Philippe Tétart, quando escreveu seu livro *Pequena história dos historiadores*, para a coleção *Synthèse* da editora Armand Colin, editado em 1998. Provavelmente sua maior inspiração tenha sido a obra *História e historiadores: Antigüidade, Idade Média, França moderna e contemporânea*, de autoria de Bizière e Vayssière, editada em Paris no ano de 1995 (infelizmente ainda não traduzida no Brasil). Até pela semelhança das propostas, que tal como a desses autores, a de Tétart (embora com características mais didáticas) foi a de estudar o de-

⁴“Falei de movimento, não de escola – como se faz, infelizmente, com exagerada freqüência, quando se trata dos *Annales*. Uma escola, rigidamente organizada em torno de uma instituição, depositária dos seus livros sagrados, espartilhada pelas suas convicções e pela sua hierarquia: não há nada mais alheio à forma como se constituiu à volta de um pequeno grupo de homens e da revista que fundaram em 1929, aquilo que poderíamos chamar, retomando o vocabulário do capitalismo nascente, uma sociedade de investigações. É certo que, depois, se perderam de vista, por vezes, a dimensão da iniciativa, os seus meios e a agressividade bem-humorada dos fundadores; também não duvidamos que o próprio êxito da revista e das maneiras de fazer a história que ela propôs, que propõe ainda hoje, tenham pesado no próprio estilo dos *Annales*. Os *Annales* mudaram várias vezes no decorrer da sua já longa história”. (REVEL, J. Op. cit., 1989, p. 11-2).

envolvimento do ofício de historiador da Antigüidade Clássica à França contemporânea. Pode-se, desde já, criticar a proposta por dar maior ênfase a Grécia e Roma, para o período da Antigüidade Clássica, e a França, para o período moderno e contemporâneo. O que restringiria a importância de vários outros lugares e autores do passado e do presente. “Com o aparecimento das narrativas históricas em francês, a reflexão de Philippe Tétart inclina-se com demasia, talvez, para o hexágono da França”, como salienta José Leonardo, na apresentação da versão brasileira da obra. Pode-se ainda observar certa fragilidade quando discute o que foi e o que é ser historiador. Contudo, não podemos deixar de ver os méritos de obras como essa(s), ao contribuírem para um maior esclarecimento didático sobre o desenvolvimento de

nosso ofício profissional.

Em sua apresentação, José Leonardo, ainda que um pouco crítico com a proposta do autor, não deixa de reconhecer suas contribuições, ainda mais considerando que:

... o fundamental é que a vasta empresa escolar francesa do oitocentos produzirá a disciplina da história e o historiador profissional. A história como disciplina entra nos currículos escolares, do primário à universidade, e sobre este solo, enriquecido por revistas especializadas – *Revue Historique*, *Revue de Synthèse* – e publicações diversas, a historiografia alcança os dias atuais. A análise de Philippe Tétart mantém o foco concentrado sobretudo nos séculos XIX e XX do hexágono francês (2000, p. IX).

Quadro 1: Distribuição de historiadores de acordo com o período.

Antigüidade Clássica	Idade Média	Idade Moderna	Período Contemporâneo
Hecateu de Mileto (540-476)	Eusébio (265-341)	François Hotman (1524-1590)	François R. Chateaubriand (1768-1848)
Heródoto de Helicarnasso (490-425)	Santo Agostinho (354-430)	Jean Bodin (1530-1596)	Augustin Thierry (1795-1856)
Hellanicos de Metilene (479-395)	Grégoire de Tours (538-594)	Henri V. L. Popelienière (1541-1608)	Louis A. Thiers (1797-1877)
Tucídides (460-396)	Isidoro de Sevilha (562-636)	Bertrand d'Argentré (1519-1590)	François Guizot (1787-1874)
Políbio (205-120)	Bède o Venerável (673-735)	Nôel de Fail (1520-1591)	Alphonse de Lamartine (1790-1869)
Catão (234-149)	Paul Diacre (725-799)	Étienne Pasquier (1529-1615)	Edgar Quinet (1803-1875)
Cícero (106-43)	Eginhard (770-840)	Aubigné (1552-1630)	Louis Blanc (1811-1882)
Salústio (86-35)	Hincmar (806-882)	Pierre Pithou (1539-1596)	Jules Michelet (1798-1874)
Tito Lívio (59aC-17dC)	Flodoard (894-966)	André Duchesne (1584-1640)	Aléxis de Tocqueville (1805-1859)
Tácito (56-117)	Orderic Vital (1075-1142)	François de Mezeray (1610-1648)	Ernest Renan (1823-1892)
Suetônio (70-120)	Guibert de Nogent (1055-1124)	Racine (1639-1699)	Hippolyte Taine (1828-1893)
Plutarco (46-120)	Suger (1081-1151)	Scipion Dupleix (1596-1661)	Fustel de Coulanges (1830-1889)
Herodiano (175-250)	Rigord (1145-1210)	Antoine Varillas (1626-1696)	Gabriel Monod (1844-1912)
Ammier Marcellin (330-395)	Villehardouin (1150-1213)	Jacques B. Bossuet (1627-1704)	Ernest Lavisse (1842-1922)
	Robert de Clari (? – 1216)	Richard Simon (1638-1712)	Charles-Victor Langlois (1863-1929)
	Joinville (1224-1317)	Mabillon (1632-1701)	Charles Seignobos (1854-1942)
	Jean Froissart (1337-1410)	Popenbroeck (1628-1714)	Charles Péguy (1873-1914)
	Jean Le Bel (1290-1370)	André Aubert (1655-1735)	François Simiand (1873-1935)
	Georges Chastellain (1405-1475)	Sébastien Tillemont (1637-1698)	Henri Berr (1862-1955)
	Jean Molinet (? – 1507)	Pierre Bayle (1647-1706)	Henri Hauser (1866-1946)
	Jean Lamaire de Belges (1473-1525)	Charles Rollin (1661-1741)	Ernest Labrousse (1895-1988)
	Conde Olivier de la Marche (1428-1502)	Paul F. Velly (1709-1759)	Lucien Febvre (1878-1956)
	Philippe de Comynnes (1447-1511)	Montesquieu (1689-1755)	Marc Bloch (1886-1944)
	Robert Gaguin (1425-1502)	Voltaire (1694-1778)	Fernand Braudel (1902-1985)
		Diderot (1713-1784)	
		D'Alambert (1717-1783)	
		Condorcet (1743-1794)	
		La Hontan (1666-1715)	
		Raynal (1713-1796)	
Total: 14 historiadores	Total: 24 historiadores	Total: 29 historiadores	Total: 24 historiadores

Fonte: TÉTART, Philippe. Pequena história dos historiadores. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru/São Paulo: Edusc, 2000, 166p.

Portanto, um questionamento político, maior até, do que sua proposta intelectual, já que segundo ele haveria um desenvolvimento linear na história da história, indo do período greco-romano para a França contemporânea. E, neste ponto, muito embora o professor José Leonardo tenha apontado seus limites, não evidenciou que o autor explicitamente demonstra sua filiação a uma historiografia francesa, que remonta ao século XIX e se desdobra no movimento dos *Annales* e na 'Nova História', congregando diversos profissionais da França e de outros países, para os quais, o centro da historiografia internacional, desde o século XIX, estaria sediado na França. A história e a organização desse discurso na historiografia francesa foi muito bem estudada e criticada por Rogério Forastieri da Silva em seu livro *História da historiografia*, versão reformulada de sua tese de doutoramento defendida, em 1999, na Universidade de São Paulo, de cuja banca examinadora José Leonardo fez parte. Assim, ainda que nos surpreenda o fato de José Leonardo não ter articulado na sua apresentação a proximidade de Tétart, aquele discurso historiográfico tão típico na França, e compreensível, já que sua intenção tenha sido tão somente a de nos apresentar, e muito bem, a obra do autor, não é um fato desprezível a de pelo menos oferecer ao leitor uma modesta articulação sobre a escolha política do autor em sua obra.

Para demonstrar com maior detalhamento a forma como concebe o desenvolvimento do ofício de historiador e, a partir do século XIX, dá ênfase à contribuição francesa, primeiro constataremos isso sucintamente na discussão do autor, em seguida elaborou-se, com base em seu texto, o quadro da página anterior, com o número e o período em que viveram os historiadores recenseados pelo autor.

Para ele os "historiadores gregos justificavam a idéia de uma reflexão sobre o passado, sobre a memória (...) mas também [sobre] os 'mundos' que os rodeiam, e que estão no centro de suas interrogações e de seus relatos. A história tornou-se uma ciência humana. Na pena de historiadores como Éforo (sec. IV aC), ela se presta a tornar-se suporte de uma análise moral do mundo grego e não grego". Destaca em seguida o surgimento da idéia de nação na historiografia romana, e a partir dela a idéia de uma história universal, na qual a história "é remetida a uma função tão moral quanto política". A história na Idade Média terá sua atenção centrada na escrita da história do povo cristão, na preservação dos escritos bíblicos e na institucionalização da Igreja, "é no círculo dos bispos (...) que se prossegue o essencial da atividade historiográfica". Para ele, a partir do século XII, inicia-se um lento, mas progressivo movimento

de secularização que perpassa as ideias, a economia, a política, até invadir o próprio cotidiano. Diz ele: "Os historiadores, seculares, desfizeram-se das viseiras da escatologia". Mas: "A história permanece a serviço do Estado e afasta-se mais um pouco de sua preocupação de edificação moral, religiosa, para entrar num universo de reflexão política e social", no qual permanecerá até as primeiras décadas do século XX. É a partir do final do período medieval que o autor focaliza sua atenção para o hexágono francês.

O quadro indica como o autor utilizou de forma flexível o termo historiador para conseguir abranger aquela quantidade de autores antigos e modernos. Conforme indica ainda, o autor referiu-se, e/ou fez alguns comentários de 14 historiadores da Antigüidade Clássica, 24 da Idade Média, 29 da Idade Moderna e 24 do período Contemporâneo – o número menor de historiadores para esse período se deve ao fato de que, após 1950, preferiu trabalhar a organização de grupos, e não somente o indivíduo em suas pesquisas. Evidentemente, não foi seu objetivo elaborar um levantamento exaustivo de autores. No entanto, surpreende em alguns momentos a falta de autores como: Nicolau Maquiável e G. Vico, para o período do renascimento europeu; Leopoldo Von Ranke, para o século XIX; Henri Pirenne, historiador belga, fundamental para o desenvolvimento do movimento dos *Annales* na França; Raymond Williams, C. Hill, E. P. Thompson, Eric Hobsbawm, Perry Anderson, grupo de historiadores marxistas ingleses dissidentes do partido comunista nos anos de 1950, que muito contribuíram com a historiografia contemporânea; Carlo Ginzburg, Giovanni Levi e Carlo Poni, historiadores italianos responsáveis pelo desenvolvimento da micro-história; ou ainda, Keith Thomas, Robert Darnton, Roger Chartier, Peter Burke, Lynn Hunt, Natalie Zemon Davis, responsáveis, juntamente com outros historiadores, pela recuperação, sob novas perspectivas, da História Cultural, a partir da década de 1970. Tudo isso indica a complexidade da escrita de qualquer história, e a história dos historiadores não foge à regra. Para se concluir, há que se ressaltar novamente as escolhas políticas e intelectuais do autor, por elencar certos historiadores em prol de outros, principalmente no caso do período contemporâneo, com sua ênfase para o hexágono Francês. Porque seu objetivo foi o de justificar a importância da 'nova história política' e da 'história do tempo presente', pois, segundo ele, "sob a influência da geração dos historiadores do político e da pesquisa sobre a Segunda Guerra Mundial, o tempo presente acaba por reintegrar-se completamente no campo científico" (2000, p. 134), de modo a congrega a atenção dos pesquisadores nas últimas décadas.

Por outro lado, o trabalho de Marie-Paule Caire-Jabinet, intitulado *Introdução à historiografia*, é outro exemplo recente deste tipo de investigação.

O seu principal objetivo foi, ao refazer a história do escrito histórico, evidenciar a centralidade que o ‘hexágono francês’ ocupou nesta demarcação, a partir do período contemporâneo. Além de escrever a obra para todo aquele que é interessado “em assuntos relativos à historiografia” a autora, neste estudo “consagrado à escritura da história na França a partir da Idade Média, procura dar respostas às expectativas dos leitores interessados nas realidades francesas, mas que também gostam de refletir sobre a progressiva transformação da história até conquistar o status de disciplina autônoma” (2003, p. 7), em que, como dito, a França ocupou um lugar de destaque. Isso ocorreu porque, segundo ela, a “história na França se beneficiou logo de início de dois elementos: uma rede de mosteiros, principalmente beneditinos, e um poder régio que procura[va] afirmar sua legitimidade fundamentando-a na escrita de uma história nacional. Desde o século 12 lança[va]m-se as regras da erudição, mas a história só se tornou uma paixão nacional nos séculos 14 e 15, quando ela encontra um público laico”. Além disso:

A história possui um lugar de destaque dentro da cultura francesa, cuja preocupação precoce – desde o século 18 – tem sido estabelecê-la como disciplina acadêmica, para a educação de jovens. A Revolução Francesa e os diferentes regimes que se sucederam durante o século 19 recorreram amplamente à história em busca de fundamentação legitimadora, e os franceses comungam desta certeza comum e solidamente estabelecida, segundo a qual a história é um elemento essencial da cultura do cidadão (p. 11).

Dado que a narrativa da autora se propõe a comprovar essa afirmação, compreende a História no seu “*duplo sentido*, porque designa tanto o *acontecimento* quanto a *narrativa* que se faz desse mesmo acontecimento” (p. 11-2) e a historiografia, que pode ser definida, como “a arte de escrever a história, a literatura histórica” e “pode, conforme o contexto, referir-se às obras históricas de uma época, às obras dos séculos posteriores sobre essa época ou ainda à reflexão dos historiadores sobre essa escrita da história”. Mesmo considerando que o termo historiografia talvez seja ainda mais ambíguo que o de História, a autora adota neste livro “a definição corrente de historiografia [na França] como ‘história da história’”, e a sua abordagem “limita-se à história francesa, destacando algumas influências européias que se exerceram sobre ela” (p. 16).

Portanto, ao longo dos quatro capítulos do li-

vro, a autora indica que o papel que a França ocupou no estabelecimento da escrita da história e no desenvolvimento da disciplina histórica, entre a Idade Média e o período contemporâneo, além de ser central em toda a Europa (mesmo considerando a influência européia, principalmente da Alemanha, que recebeu), demonstra ainda porque a História ocupa um lugar de destaque no povo francês, como a principal mediadora da formação do cidadão, por circunstanciar o passado da nação e a criação (a elaboração) das identidades (coletivas). Desse modo, pode-se entender porque a autora se detém tão pouco nos autores da Antiguidade Clássica (citando apenas quatro), e quando passa a discorrer sobre a história da história, a partir da Idade Média, a escassez de autores discutidos, ou evidenciados, em sua narrativa que pertencem a outras nacionalidades. Para detalhar melhor essa constatação, o quadro na próxima página, refere-se a quais foram os autores mais discutidos no livro, demonstrando a ausência quase total de autores fora do hexágono francês.

Assim, a leitura desta obra, embora seja uma excelente introdução ao que é a historiografia e de como ocorreu o seu desenvolvimento, permite que se compreenda porque, na França, a maioria dos autores, quando escrevem sobre a ‘história da história’ definem a centralidade deste país, principalmente, ao se referirem ao período contemporâneo. Não seria por acaso, portanto, a identificação de um progresso linear no desenvolvimento da disciplina histórica, caminhando da Alemanha para a França, entre os séculos XIX e XX, no qual essas obras, inclusive esta da autora, induzem ao leitor a acreditar e a concordar com essa narrativa. Segundo a própria autora:

o grande problema da historiografia francesa durante séculos tem sido menos de dar um sentido à história do que definir-lhe a função: a de fazer e de fundar a nação. Será necessário aguardar o surgimento dos *Annales* – e as novas condições do século 20, quando nação e regime estão solidamente estabelecidos – para que este discurso histórico se apague diante de outros campos de interesse. Aos tempos de certeza sucedem os tempos de dúvida, o que é traduzido pela escrita da história, em situação de defesa frente às ciências sociais concorrentes (p. 146).

Quadro 2: Distribuição de historiadores e cientistas sociais de acordo com o período.

Antigüidade Clássica	Idade Média	Idade Moderna	Período Contemporâneo
Heródoto de Helicarnasso (485-420)	Eusébio (265-341)	Robert Gaguin (1433-1501)	Jules Michelet (1798-1874)
Hellânicos de Metilene (479-395)	Santo Agostinho (354-430)	Philippe de Comynes (1447-1511)	Hippolyte Taine (1828-1893)
Tucídides (460-396)	Grégoire de Tours (538-594)	Nicolau Maquiavel (1496-1527)	Fustel de Coulanges (1830-1889)
Políbio (205-120)	Isidoro de Sevilha (560-636)	Tomas Basin (1412-1483)	Gabriel Monod (1844-1912)
	Jean de Joinville (1225-1317)	Jean Bodin (1530-1596)	Ernest Lavisse (1842-1922)
	Jean Froissart (1337-1404)	Henri V. L. Popelienière (1541-1608)	François Simiand (1873-1935)
		Jean Le Laboureur (1623-1675)	Ernest Labrousse (1895-1988)
		Francis Bacon (1521-1626)	Georges Espinas (1869-1948)
		Nicolas de Peiresc (1580-1637)	André Piganiol (1883-1968)
		Daniel Von Papenbroeck (1628-1714)	Henri Berr (1862-1955)
		Jacques B. Bossuet (1627-1704)	Henri Hauser (1866-1946)
		Mabillon (1632-1701)	Henri Pirenne (1862-1935)
		Montesquieu (1689-1755)	Maurice Halbwachs (1877-1945)
		Voltaire (1694-1778)	Charles Rist (1874-1955)
		Diderot (1713-1784)	André Siegfried (1875-1959)
		D'Alambert (1717-1783)	Lucien Febvre (1878-1956)
		Condorcet (1743-1794)	Marc Bloch (1886-1944)
			Fernand Braudel (1902-1985)
			Philippe Ariès (1914-1984)
Total: 4 historiadores	Total: 6 historiadores	Total: 17 historiadores	Total: 19 historiadores

Fonte: CAIRE-JABINET, Marie-Paule. *Introdução à historiografia*. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru/SP: Edusc, 2003, 168p.

Escrever a 'história da história' tendo em vista a coexistência de outros países e autores, por outro lado, acaba sendo um desafio a ser ainda superado pelos estudos sobre a história da historiografia do século XX, principalmente os escritos na França, cuja maioria dos estudos, a exemplo deste, continua levando em consideração apenas delinear a história da historiografia de um país (ou continente), de acordo com a constatação prévia da centralidade que este ocupa no processo de constituição e demarcação da disciplina e da pesquisa histórica.

Não apenas na França, a manutenção do discurso historiográfico que vai de encontro com a 'Nova História' tem sido feita. Nos Estados Unidos, a historiadora da Universidade da Pensilvânia, Lynn Hunt (1995, p. 1-29) procurou demonstrar os avanços na história social, entre 1958 e 1978, ultrapassando os estudos em história política nas universidades norte americanas. Esse avanço teria, segundo ela, sido estimulado pela influência de dois paradigmas "de explicação dominantes: o marxismo, por um lado, e a escola dos 'Annales', por outro". De acordo com ela:

A Annales tornou-se uma escola – ou, pelo menos, assim começou a ser chamada – quando afiliou

institucionalmente à Sexta Seção da École Pratique des Hautes Etudes, depois da Segunda Guerra Mundial. Fernand Braudel deu-lhe um sentido geral de unidade e continuidade, tanto por presidir a Sexta Seção, quanto por dirigir a Annales nas décadas de 1950 e 1960 (...). A ênfase da escola dos Annales à história econômica e social logo se difundiu, chegando mesmo às mais tradicionais revistas históricas (1995, p. 3 e 5).

O Movimento dos Annales em Perspectiva

Dos Estados Unidos à Inglaterra, a historiografia francesa deixou as suas marcas, seja influenciando pesquisas, ou então a criação de periódicos; quando não, a possibilidade de se utilizar outros procedimentos de pesquisa, que não aqueles da história política (de viés 'positivista' do século XIX)⁵.

Assim, o historiador inglês Peter Burke (1992), que tem pesquisado as questões levantadas pela historiografia francesa, posterior à década de 1960, expôs um painel comparativo com a historiografia produzida no século XIX. Para este, enquanto no 'paradigma tradicional' representado pela 'escola histórica alemã' e pela 'escola metódica francesa' do século XIX: a) a história dizia respeito essencialmente à política, descrevendo feitos e acontecimentos,

⁵ Para um maior detalhamento desta questão, ver: MALERBA, J. (org.) A história escrita. Teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

segundo a ação de 'grandes homens'; b) os historiadores (tradicionais) pensavam a história basicamente como uma narrativa dos acontecimentos; c) fornecia (na história tradicional) a visão de "cima"; d) a história seria baseada nos documentos; e) fornecia a visão dos 'documentos oficiais'; f) ser objetiva. Em decorrência de "novos" problemas, objetos e abordagens sugeridas, fundamentalmente, pela historiografia francesa, desde 1929, com a fundação da revista *Annales*, se tem pensado a história: a) interessando-se por, virtualmente, toda a atividade humana; b) procurando intercalar a narração, com a história das estruturas; c) a preocupação está não apenas em pesquisar as fontes 'oficiais', mas sim uma variedade maior de documentos; d) procura o maior cruzamento possível de discursos, para se informar à diversidade de atores que participaram da construção do processo histórico; e) a história é vista a partir do olhar sobre os de "baixo"; f) o ideal de 'objetividade', parece estar sendo considerado irrealista, repensando-se, por isso, a subjetividade do discurso do historiador.

Em seu livro *A escola dos Annales*, publicado em 1990, Peter Burke (1997) embora critique a denominação 'escola' ao grupo dos *Annales* e prefira o termo 'movimento', em função da sua diversidade de orientações e fases (divididas em diferentes gerações), ainda corrobora aquele 'relato fundador', pois buscou basicamente fazer a análise do grupo, por meio das obras produzidas pelos próprios membros dos *Annales*. Para ele:

Essa escola é, amiúde, vista como um grupo monolítico, com uma prática histórica uniforme (...). Talvez seja preferível falar num movimento dos *Annales*, não numa 'escola' (...). Esse movimento pode ser dividido em três fases (...) de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional (...). Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do establishment histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma 'escola', com conceitos (...) e novos métodos (...) foi dominada pela presença de Fernand Braudel (...) uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muitas das especificidades anteriores. Era uma 'escola' unificada apenas aos olhos de seus admiradores externos e seus críticos domésticos, que perseveravam em reprovar-lhe a pouca importância atribuída à política e a história dos eventos (...), porém, alguns membros do grupo transferiram-se da história socioeconômica para a sociocultural, enquanto outros estão redescobrimdo a história política e mesmo a narrativa (p. 12-3).

Para ele não houve rupturas bruscas quanto às orientações do grupo, mas sim o avanço e a especialização dos campos de pesquisa do historiador, que levaram à própria fragmentação da História em áreas, como a história social, a história econômica, a história quantitativa, a história das mentalidades, a antropologia histórica, a geo-história. Assim como o desdobramento dos temas de pesquisa, como o medo, a morte, a criança, a mulher, o amor, o clima, enfim, tudo aquilo, até então excluído, que as ações humanas possam deixar de indício sobre o passado. Todavia, para ele, apenas quando se aprofundar estudos sobre "os rascunhos manuscritos de Marc Bloch ou as cartas não publicadas de Febvre e Braudel" é que se terá uma compreensão, melhor definida, sobre a história do movimento. Para tanto será preciso "tanto de um conhecimento especializado da história da historiografia, quanto da história da França do século XX". Segundo ele, a recepção dos *Annales* na Inglaterra foi tardia.

Eric Hobsbawm (1998, p. 193-200), entretanto, desconfia da leitura feita por P. Burke, quanto à recepção daqueles na Inglaterra, já que individualmente, tanto Marc Bloch, quanto Lucien Febvre e Fernand Braudel, eram lidos na Universidade de Cambridge, desde os anos de 1930 e 40, pois:

na medida em que podemos falar de influência, o que foi influente na Inglaterra não foi tanto os *Annales* especificamente quanto o que poderia ser chamado de *nouvelle vague* francesa na história. Os *Annales* são uma parte disso e, naturalmente, uma parte cada vez mais importante, graças ao tríplice significado de Fernand Braudel (...) foi principalmente via história econômica, ou história econômica e social, que se deu à influência, a influência e relação direta entre o grupo dos *Annales* e a história britânica (...) mediante a organização da Associação Internacional de História Econômica e seus congressos, [que] durante muito tempo foi um condomínio anglo-francês (p. 193-4).

Segundo Hobsbawm, Burke toma como base a recepção de uma 'escola' (ou, antes, um movimento), que, em verdade, foi construída apenas retrospectivamente. Por outro lado, argumenta que foi, fundamentalmente, Fernand Braudel quem viabilizou os alicerces necessários para todos os posteriores avanços alcançados pela historiografia francesa nos anos de 1950 e 60 (e a ele ser identificada a idéia de 'escola' no grupo dos *Annales*, em função de comandar o movimento neste período), além de ter sido quem exerceu grande influência intelectual dentro e fora da França (formando um grande número de discípulos), marcar um período da revista como diretor, e transformar no prazo de uma 'geração' a VI seção,

que é hoje a Escola Prática de Altos Estudos em Ciências Sociais, “no principal centro dinâmico das ciências sociais francesas”.

Por outro lado, mesmo entre os críticos da ‘Nova História’ na França e em outros países, houve algumas proximidades com o ‘relato fundador’ sobre a história dos Annales. François Dosse (1994) em 1987, com o livro *História em Migalhas*, procurou criticar a terceira geração do grupo dos Annales, indicando as rupturas e descontinuidades entre ela e as fases iniciais do movimento. Isso se deve, essencialmente, porque a forma como ele pensa a construção do discurso histórico estava relacionada com a maneira como havia sido projetado nas primeiras fases do grupo; ou seja, por meio de ‘projetos intelectuais’ e ‘políticos’ que objetivavam a elaboração de uma ‘história global’, com vistas a agrupar a síntese

da totalidade das ações dos homens e das sociedades do passado e do presente, o que, evidentemente, não impedia a elaboração de pesquisas locais ou regionais. Na verdade, havia uma ambição pelo ‘total’, a ser atingido, não apenas por um pesquisador, mas pelo conjunto de trabalhos elaborados, por meio de equipes de pesquisa. Esse foi um dos saltos, segundo o autor, alcançados pelo grupo, quando Fernand Braudel esteve à frente da revista Annales. Segundo Dosse, uma outra maneira para notar as diversas fases do grupo e suas peculiaridades, se revelaria nas próprias páginas do periódico, cujas perspectivas historiográficas e tipos de pesquisa estavam ligadas àqueles que o administravam e coordenavam as ações do grupo, tal como se pode observar nas tabelas 1 e 2.

Tabela – 1: Porcentagens do número de páginas dos artigos, consagrados a diferentes períodos, nos Annales, na Revista História, e na Revista de História Moderna e Contemporânea (1929-1976).

Revista	Período	História Antiga	Idade Média	Antigo Regime	Revolução e Império	Séculos XIX e XX	História Imediata	Diversos	Sem Classificação
Annale	1929-45	4,9	22,5	18,2	2,8	16,4	21,7	2,9	10,6
	1946-56	5,9	17,8	24,7	1,5	15,9	17,7	5,7	10,7
	1957-69	5,6	11,8	30,7	1,0	16,7	8,5	4,4	21,3
	1969-76	5,6	18,1	29,5	3,4	17,0	5,7	5,1	15,1
RH	1929-45	17,1	18,8	28,2	4,8	23,7	0,1	4,7	2,6
	1946-56	10,2	14,5	21,0	6,7	32,7	3,8	0,8	10,3
	1957-69	12,6	19,9	21,1	2,6	36,4	1,1	1,9	4,4
	1969-76	5,6	11,2	21,7	3,8	47,4	1,2	7,1	2,0
RHMC	1929-45	—	—	—	—	—	—	—	—
	1946-56	—	—	—	—	—	—	—	—
	1957-69	—	—	34,5	5,3	57,9	0,0	2,0	0,3
	1969-76	—	—	29,8	15,8	51,1	0,0	2,2	1,1

Fonte: DOSSE, François. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova História*. Tradução de Dulce A. Silva Ramos – 2ª reimpressão – São Paulo: Ensaio; Campinas: Edunicamp, 1994, p. 52.

Tanto no que dizia respeito aos períodos pesquisados, como também no que se referia ao projeto de uma ‘história econômica’ e ‘social’, para uma ‘história das mentalidades’, incorporada, em seguida, a ‘nova história cultural’. Para ele:

Ao aplicar seus métodos à sua própria história, a Escola dos Annales define-se como uma escola de longa duração. Reivindica a continuidade e a permanência que une, em um mesmo movimento, os combates pela história de Lucien Febvre e a história em migalhas de Pierre Nora. Ao mesmo tempo, essa escola pretende ser imperceptível, imprópria a toda definição e nebulosa sem núcleo. Temos aí a expressão de um duplo imperativo (...) o fato de pertencer a um grupo que tem por trás

dele um passado com obras e contribuições sucessivas, seguindo isso que permite consolidar suas posições de poder e reforçar as estruturas institucionais que fazem a força dos Annales diante das ciências humanas mais jovens e menos ancoradas nos aparelhos de poder. A coerência do conjunto, a identidade comum, em parte mítica, são necessárias à gestão e à duração do poder. Trata-se de um imperativo estratégico (...) que é convincente dissociar, nessa escola, a sucessão de três gerações ou de duas grandes configurações do campo das ciências humanas. A continuidade reivindicada mascara, de fato, as numerosas inflexões e rupturas entre o discurso histórico dos anos 30 e o dos anos 80, apesar de certo número de orientações fundadoras, ainda hoje, estarem presentes. A história da Escola dos Annales não é

uma história imóvel (...) ela se adapta com sucesso às mutações sucessivas de nossa sociedade no decorrer do século XX e resiste com a mesma vitalidade aos assaltos das ciências vizinhas e concorrentes (p. 249).

Para ele: “Os Annales instalam-se no poder,

autocelebram-se e constroem já a própria lenda” (p. 255). Assim, deixou-se o projeto de uma ‘história total’, por um conjunto de trabalhos que não possuíam vínculos uns com os outros.

Tabela – 2: Porcentagens do número de artigos consagrados a linhas de pesquisa diferentes nos Annales, na Revista História e na Revista de História Moderna e Contemporânea (1929-1976).

Revista	Período	Biografia	História Política	História Econômica	História Social	História Cultural	Teoria	Outras Ciências	Sem Classificação
Annales	1929-45	0,0	2,8	57,8	26,2	10,4	2,6	0,2	0,0
	1946-56	0,7	5,4	40,4	25,0	19,4	4,2	4,9	0,0
	1957-69	0,4	4,1	39,0	17,6	22,4	8,4	8,1	0,0
	1969-76	0,1	2,1	25,7	27,0	32,8	4,0	8,3	0,0
RH	1929-45	8,6	49,9	17,5	4,4	16,9	1,2	0,4	1,1
	1946-56	2,5	40,5	17,7	8,8	18,2	9,8	1,8	0,7
	1957-69	0,6	49,2	22,2	6,2	14,4	6,2	0,8	0,4
	1969-76	0,1	29,3	25,7	18,1	18,0	8,4	0,4	0,0
RHMC	1929-45	—	—	—	—	—	—	—	—
	1946-56	—	—	—	—	—	—	—	—
	1957-69	2,7	50,6	15,2	11,3	19,0	1,2	0,0	0,0
	1969-76	0,6	41,7	14,3	18,8	22,1	2,2	0,0	0,3

Fonte: DOSSE, François. *A história em migalhas. Dos Annales à Nova História*. Tradução de Dulce A. Silva Ramos – 2ª reimpressão – São Paulo: Ensaio; Campinas: Edunicamp, 1994, p. 53.

Isso teria acontecido, segundo ele, por vários motivos: a) a mudança quanto às disciplinas auxiliares, da Geografia, Sociologia, Filosofia, para a Psicologia, Antropologia e a Lingüística; b) a proximidade com o estruturalismo; c) o avanço nos campos de pesquisa, que levou a própria fragmentação da disciplina em diversas áreas. Diz ainda:

Entre os Annales dos anos 30 e os dos anos 80, pode-se localizar certo número de continuidades e de descontinuidades. A mesma negação do aspecto político (...) o mesmo procedimento de captação das ciências sociais (...) a mesma terceira via entre a história tradicional historicista e o marxismo ossificado, cujos vazios os Annales preencherão ao investigar em domínios inexplorados (...) não a ideologia, mas mentalidade, não materialismo mas materialidade, não dialética mas estrutura (...). Daí temos como resultado uma primeira inflexão evidente na passagem de uma história geoeconômica a uma história das mentalidades (...). Outras descontinuidades podem ser localizadas (...) o homem não é mais o horizonte primeiro do trabalho histórico (...) passa-se de uma história, ciência da mudança (...) a uma história quase ‘imóvel’ (...) o abandono de toda dialética passado/presente e futuro (...). Enfim, a mais importante descontinuidade situa-se na decomposição do saber histórico, o fim de toda perspectiva globalizante, não mais a história, mas

sim as histórias (...). Esse esfacelamento do campo histórico, no entanto, não foi reivindicado por todos os historiadores dos Annales no próprio seio da escola. Os trabalhos contradizem essa evolução... (p. 250-1).

Ainda que o autor, assim como Burke, tenha criticado o uso do termo ‘escola’ para o grupo, e preferir tratá-lo como um movimento que passou por diferentes fases, em que houve avanços e rupturas, basicamente se fundamentou na bibliografia francesa, produzida sobre os Annales para respaldar os seus apontamentos.

Assim sendo, a forma de recepção dos Annales, seus autores e obras, estava intimamente relacionada com a própria característica da produção historiográfica elaborada na França, ou em outros países (AGUIRRE ROJAS, 2004). Ora sendo incorporados como uma inovação incomum, ora de forma extremamente crítica e parcial. Por essa via é possível notar a ‘circularidade cultural’ de certas ‘tradições historiográficas’ e as suas diferentes formas de recepção, de um país para outro. Mas essa hipótese não é suficiente para explicar as peculiaridades entre um autor e outro, na forma como se referem ao grupo ao redor da revista Annales. Assim, as leituras, ora mencionadas, de Burke e Hobsbawm revelam, antes

que diferentes recepções (como de fato ocorreu), diferentes formações 'geracionais', intelectuais e historiográficas.

Tanto isso ocorre, que o historiador espanhol Joseph Fontana (1986), de formação marxista, embora tenha uma atitude muito crítica quanto aos *Annales* e se baseie numa argumentação de cunho filosófico, para demonstrar a ascensão e a decadência destes no palco político, acadêmico e no 'campo intelectual', também avançou pouco sobre a revisão do 'relato fundador' sobre os *Annales*, na medida em que não conseguiu ter acesso a documentos pessoais de integrantes do grupo nas duas primeiras fases do periódico. No entanto, ele avança na medida em que procura demonstrar a contribuição de outras 'escolas' e grupos, em países como a Espanha, a Inglaterra, a Escócia, juntamente com os *Annales*, no desenvolvimento de novas abordagens, problemas e métodos, para a pesquisa histórica no século XX. Mesmo em suas obras posteriores, Fontana (1998a) apenas procurou apurar afirmações, melhorar hipóteses, mas não alterou suas considerações sobre o grupo de historiadores dos *Annales*.

Mesmo em parte considerável dos pesquisadores latino-americanos, a recepção do discurso vinculado ao surgimento da 'Nova História', que incorporava a contribuição do grupo ao redor da revista *Annales* (nas suas primeiras fases), não ficou isenta de críticas. Primeiro, porque parte daquela intelectualidade manteve seus 'intercâmbios intelectuais' voltados, de preferência, para a Espanha, e com o marxismo. E segundo, por que buscavam mais as contribuições de autores de fases anteriores à chamada 'terceira geração', e também do marxismo inglês. Além de formarem redes de convivência e debates, das quais existiria um consenso relativo a respeito do desconhecimento, ora intenso, ora mais ameno, entre brasileiros e latinoamericanos, construindo tradições universitárias, em momentos diferenciados, e sob influências distintas. Assim, o pesquisador mexicano Carlos Antônio Aguirre Rojas (1995), ao inventariar as diversas fases do grupo ao redor da revista *Annales*, pautou-se pela demonstração da conquista de um discurso historiográfico (que passou a ser hegemônico na França nos anos de 1950 e 60), voltado para pesquisas de cunho econômico e social, devido às insuficiências explicativas tanto do marxismo, como do 'positivismo' (em parte da intelectualidade francesa), no período em que Fernand Braudel exer-

ceu as funções administrativas, daquele periódico que se desdobrou como uma instituição (a partir da Escola Prática de Altos Estudos em Ciências Sociais). Todavia, pouca atenção foi dispensada àqueles que se colocaram como herdeiros do grupo no início do ano de 1970.

Em seu livro *Braudel y las ciencias humanas* (1996b) este autor aprofunda as hipóteses expressas nos seus trabalhos anteriores, na medida em que se dedica a refletir o lugar da obra de Fernand Braudel, entre as Ciências Humanas do século XX. Numa outra obra, Aguirre Rojas (1996a), discutindo a posição dos historiadores vinculados a revista *Annales*, no contexto da historiografia francesa, demonstrou as divergências internas entre aquele grupo e as opções levantadas por outros pesquisadores. Até vir, em 1999, no seu livro *La escuela de los Annales: ayer, hoy, mañana* (1999), a fazer um balanço sobre o grupo dos *Annales*, tendo por objetivo principal contestar o termo 'escola', porque para ele se dispuseram a enveredar por diversos caminhos, e apenas em parte manter algumas continuidades com autores, e objetivos das primeiras fases do movimento. No conjunto, a obra deste autor contribui para demonstrar a diversidade do conhecimento histórico no século XX, a partir da análise pormenorizada do movimento da *nouvelle histoire* na França, em que procurou ressaltar as peculiaridades da produção histórica de cada um dos membros do comitê executivo da revista, apontando divergências internas e externas, as disputas pelo poder e as escolhas de certos temas de pesquisa coletiva para o periódico, como uma forma de levantar interpretações sobre fontes e objetos, supostos como inovadores para o grupo. Fogel & Elton (1989), que estudaram os debates travados entre 'historiografia tradicional' e a 'historiografia científica' (para onde se agrupava, segundo eles, a história econômica, a demográfica e a quantitativa) na América Latina e do Norte, e as formas de recepção da historiografia europeia naqueles grupos acadêmicos americanos, acabaram por chegar a conclusões semelhantes às alcançadas por Aguirre Rojas⁶.

Por outro lado, o historiador brasileiro José Carlos Reis (2000) avançou com relação aos autores listados acima, na medida em que procurou analisar os diferentes avanços produzidos pelos *Annales* no século XX, de 1900 a 1994 (aproximadamente), de modo a verificar as continuidades e descontinuidades do grupo, em suas várias 'gerações'. Embora o autor

⁶ Para um panorama desta questão na historiografia espanhola e latinoamericana, ver: MALERBA, J. & AGUIRRE ROJAS, C. A. *Historiografia contemporânea em perspectiva crítica*. Bauru/SP: Edusc, 2007; FONTANA, J. *A história dos homens*. Bauru/SP: Edusc, 2004; ARÓSTEGUI SÁNCHEZ, J. *A pesquisa histórica. Teoria e método*. Bauru/SP: Edusc, 2006; VALDÉS, E. D. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX. Entre la modernización y la identidad*. Tomo – 1: *Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950)*. Buenos Aires/Argentina: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

mantenha o termo 'escola', mas usando-a de forma a expressar um conjunto de procedimentos desenvolvidos pelo grupo e não simplesmente uma orientação da 'primeira' à 'terceira geração'. Mas admite que só será possível maior avanço, sobre a história do surgimento e desenvolvimento dos *Annales*, quando a fase da 'memória' e da 'história', que ainda cerca o grupo, em função da participação de membros da terceira geração (que produziram um 'relato fundador'), e ainda estarem dirigindo postos institucionais, culturais e editoriais na França, deixarem de ocupar suas funções, administrativas e editoriais, e uma nova fase da revista *Annales* se desenvolver. Além disso, quando isso ocorrer, será necessária uma pesquisa de cunho documental, que levante arquivos pessoais de M. Bloch, L. Febvre e F. Braudel, como correspondências entre eles e outros membros do grupo nessas fases do periódico, com vistas a comparar e aprofundar as versões que foram anteriormente produzidas sobre os *Annales*, nas décadas de 1970 e 1980. Por outro lado, será possível, segundo este, avançar em assuntos ainda pouco pesquisados sobre a história do grupo. Por mais, analisar até que ponto a versão do relato fundador sobre os *Annales* esteve próxima ou distante dos objetivos dos representantes das duas primeiras gerações.

O historiador brasileiro Rogério Forastieri da Silva (2001), no livro *História da historiografia*, por meio de uma discussão historiográfica sobre o surgimento da 'Nova História', buscou interpretá-la no contexto das 'histórias gerais da historiografia', das 'histórias gerais da historiografia contemporânea' e dentro da 'historiografia francesa', tal como havia indicado Peter Burke, a necessidade deste tipo de investigação. Para ele a 'Nova História' estava ligada a um determinado relato das histórias gerais da historiografia, cujos elos importantes seriam: 'história positivista', 'Escola dos *Annales*' e 'Nova História'. A elaboração deste relato esteve fortemente vinculada à própria expansão e recepção do grupo dentro e fora da França, em função da necessidade de justificar mudanças de orientações, procedimentos de pesquisas, sem que se deixasse de manter os elos com as gerações anteriores. A abrangência deste relato ocorreu não apenas entre autores próximos ao grupo, como também em parte considerável de seus críticos. Além disso, segundo ele, em trabalhos de cunho historiográfico, autores franceses e alemães, não raro, desconheciam-se mutuamente, como se os conflitos de 1870, de 1914-1918 e de 1939-1945, influenciassem diretamente nas escolhas de quais autores seriam comentados naqueles trabalhos e pesquisas. Por outro lado, tendia-se a desperceber a contribuição de outros países, visto que tanto na In-

glaterra, na Itália, na Alemanha, nos Estados Unidos, e mesmo no Brasil (como ainda em outros países), ocorria o desenvolvimento de discussões no início do século XX, que fizeram surgir neles também 'Novas Histórias', com abordagens, métodos, fontes, problemas e 'novos historiadores', que contribuíam para o estudo das sociedades do passado. Foi esse contexto que o autor procurou rever a elaboração do 'relato fundador' sobre a história dos *Annales*, e analisar como as 'historias gerais da historiografia' os incorporavam e os agrupavam dentro de outras 'escolas', obras e autores do século XX. No entanto, este autor se limitou, em sua pesquisa, ao estudo de obras. Portanto, não procurou rever a elaboração deste relato, junto a uma revisão das documentações pessoais e correspondências de autores de outras fases do grupo. Esta análise permitiria avançar a história até aqui conhecida sobre o movimento, e que, basicamente, foi escrita por parte de membros da 'terceira geração', que surgiu nas décadas de 1960 e 70, tornando-se hegemônica no movimento dos *Annales*, e que ainda coexiste com uma história pouco conhecida sobre eles. E, além disso, permitiria demonstrar os pontos convergentes e os distanciamentos, entre a 'história vivida' pelas pessoas que fizeram parte do movimento nas duas primeiras gerações, e as 'representações' que foram elaboradas sobre suas atuações, pela terceira geração, que passou a escrever a 'história conhecimento' a respeito dos *Annales*.

Desse modo, diferentemente dos casos espanhóis e latino-americanos, foi a forma como ocorreu a recepção dos *Annales* na Itália e no Brasil. Tanto assim que F. Braudel se expressou da seguinte maneira sobre a Itália: "Mas desde a sua fundação, em 1929, os *Annales*, a revista de Marc Bloch e Lucien Febvre que eu ia dirigir bem mais tarde, a partir de 1956, foram recebidos na Itália com mais favor e inteligência do que em qualquer outro lugar" (BRAUDEL, 2002, p. 367). Carlo Ginzburg (1991, p. 169-78) notou que as trocas no mercado historiográfico internacional entre França e Itália sempre foram desiguais, na medida em que a historiografia francesa sempre se constituiu instrumento de trabalho e pesquisa mais influente que os olhares franceses sobre os italianos. Isso não significa que nos últimos cinquenta anos essas relações tenham sido sempre as mesmas. Prova disso vem sendo a boa aceitação no mercado historiográfico francês, com relação à mudança de perspectiva que foi trazida, especialmente, pela Micro-história italiana (MALERBA, AGUIRRE ROJAS, 2007). Nesse sentido, o estudo de Carlo Ginzburg, sobre as trocas desiguais no mercado historiográfico francês e italiano, revela-se importante nesse quadro interpretativo, na medida em que demonstra a importância da his-

toriografia francesa no desenvolvimento da história econômica e social na Itália, assim como as contribuições da abordagem microanalítica da historiografia italiana, para os avanços de estudos de caso e da Micro-história na França. Peter Burke (1997), de um lado, e Eric Hobsbawm (2002), de outro, fizeram o mesmo para as relações entre a historiografia francesa e a inglesa. Robert Darnton (1995) e Lynn Hunt (1995) procuraram, em suas respectivas pesquisas, fazer trabalhos similares para mostrarem as relações entre a historiografia francesa e a norte-americana.

No Brasil essas relações também foram desiguais, recebendo-se maior influência do que transmitindo. Evidentemente, não ocorre de forma simples e direta a influência e a recepção de inovações no campo historiográfico, de um lugar para outro. Muitas vezes, transposto em espaços e temporalidades adversas aos que foram criados, os 'modelos teóricos' e 'metodológicos', sofrem senão alterações completas, profundas adaptações às novas circunstâncias e expectativas. Ainda há poucos trabalhos no Brasil que procurem demonstrar os níveis de recepção do movimento dos *Annales* na historiografia nacional, revelando-se, além disso, as possíveis relações entre a historiografia francesa e a historiografia brasileira (CARELLI, 1994). Embora se encontrem trabalhos esparsos sobre esse tema, produzidos desde os anos de 1940, provavelmente, Márcia M. D'Aléssio (1994) tenha sido uma das pioneiras a inferir de forma sistemática essa relação, ao estudar as trocas no mercado historiográfico efetuadas entre Brasil e França, a partir da análise das dissertações e teses produzidas na USP e na PUC\SP, entre as décadas de 1930 e 1970. Muitos outros historiadores brasileiros vêm tentando efetuar tais análises (FICO, POLITO, 1992; FALCON, 1996), mas, ainda assim, reduzem-se quase sempre ao caso, à fonte ou à abordagem, sem demonstrar a complexidade do processo.

Nesse sentido, há poucos estudos sobre a recepção de 'tradições intelectuais', em ambientes adversos aos quais foram criadas (BURKE, 2002, p. 39-66). Certamente as iniciativas daquele grupo não foram iguais, em cada uma de suas diferentes fases, ainda que numa análise detalhada seja possível identificar algumas continuidades nos temas e objetivos da revista e em pesquisas individuais dos membros do grupo. No caso dos *Annales* a afirmação tem as suas justificativas: a) seja pelo fato de ainda existirem poucos estudos pontuais sobre a formação do grupo e o desenvolvimento de perspectivas em comum

entre os pesquisadores que compunham o periódico; b) seja por causa dos documentos pessoais conhecidos sobre as primeiras fases do movimento ainda não estarem publicados ou estudos; c) em face de um diálogo 'em aberto', que se propaga no período contemporâneo, por meio de congressos e seminários, pela publicação de biografias e autobiografias, que trazem novas referências e perspectivas para a compreensão dos estudos históricos, produzidos no século XX, no contexto das 'histórias gerais da historiografia'⁷.

CONCLUSÃO

Com esse breve e sucinto levantamento de autores, portanto, pode-se verificar que embora exista uma diversidade de caminhos sobre a elaboração e as críticas ao 'relato fundador' da história dos *Annales*, há ainda muitos pontos a serem revistos para se compreender a construção daquela identidade sobre o grupo, entre os anos de 1960 e 1980, aproximadamente; e em que medida existe uma correspondência sobre a imagem construída e o grupo que administrou o periódico, e desenvolveu suas pesquisas nas duas primeiras 'gerações'. Desta feita, poder-se à ter um conjunto de versões sobre a história do grupo, que, ao invés de se repelirem mutuamente, procurem se complementar, demonstrando as contribuições das diversas fases do periódico e seus integrantes, quem foram seus leitores, como construíram suas orientações, quais as suas limitações, como foram recebidos em outros países, como foram lidos, interpretados e apropriados, e por, fim, como eles devem ser agrupados no contexto das 'histórias gerais da historiografia'. Tais pesquisas viariam a aprofundar o surgimento e o desenvolvimento de cursos universitários de História, Geografia, Economia, Filosofia, Sociologia, dentre outros, em países da Europa e da América Latina, na medida em que se procurar analisar a participação de professores de países como a França, a Alemanha, a Inglaterra, na constituição daqueles cursos. Pois, assim, seria possível tanto vislumbrar qual a importância dada aos pesquisadores estrangeiros, quanto as formas pelas quais ocorria a seleção de autores a serem lidos, interpretados e apropriados nos cursos. Mesmo porque tais escolhas perpassavam, também, as bibliografias e linhas de pesquisa escolhidas entre os programas de pós-graduação, em História e Ciências Sociais, posteriormente criados naqueles cursos.

⁷ Cf. REVEL, J. História e Ciências Sociais: os paradigmas dos *Annales*. In: A invenção da sociedade. Tradução de Vanda Anastácio. Rio de Janeiro: Difel, 1989, pp. 13-41; REVEL, J. (org.) Jogos de Escala. A experiência da microanálise. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998; DAUX, P. Fernand Braudel. Uma biografia. Tradução de Clóvis Marques. RJ: Record, 1999; HOBBSAWM, E. Op. cit, 2002.

Por outro lado, é preciso ressaltar que, embora a 'terceira geração' do grupo dos Annales, junto com a 'Nova História' e a 'Nova História Cultural', tenham sido muito criticadas e hoje busquem fazer uma profunda revisão quanto as suas orientações, nesse período houve muitos avanços, por parte dos autores do grupo e seus críticos, no estudo das sociedades do passado, ao se procurar elaborar procedimentos de pesquisas específicos à análise de certas fontes e lugares, contribuindo para o estudo de sociedades passadas e regiões, até então, pouco ou nada estudadas por historiografias nacionais e internacionais. No Brasil, por exemplo, é notório o avanço de pesquisas sobre temas, regiões, fontes e períodos, até então pouco ou nada pesquisados, depois da década de 1970, com base nos procedimentos de pesquisa desenvolvidos, preferencialmente, pela historiografia francesa, em função da expansão do ensino universitário nacional e dos programas de pós-graduação em Ciências Humanas (BURKE, 2002). Além disso, foi expressiva a contribuição que trouxeram, para os estudos de história e memória, com o desenvolvimento de metodologias para a história oral (LE GOFF, 1996). Por fim, deve-se dizer que, embora façam parte de um movimento mundial de renovação dos procedimentos da pesquisa histórica, das sociedades do passado, no século XX, os Annales tiveram um grande mérito no conjunto dos avanços que foram produzidos pela História, durante este período.

REFERÊNCIAS

- AGUIRRE ROJAS, C. A. **Uma história dos annales (1921-2001)**. Maringá: Eduem, 2004.
- AGUIRRE ROJAS, C. A. EL legado de los annales Braudelianos: 1956-1968. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 3, p. 17-42, jun. 1995.
- _____. **Braudel y las ciencias humanas**. Barcelona: Montesinos, 1996b.
- _____. **Los Annales y la historiografía francesa**. México: Quinto Sol, 1996a.
- _____. **La escuela de los annales: ayer, hoy, mañana**. Barcelona: Montesinos, 1999.
- ARÓSTEGUI SÁNCHEZ, J. **A pesquisa histórica: Teoria e método**. Bauru: Edusc, 2006.
- BOURDÉ, G.; MARTIN, H. **As escolas históricas**. Portugal: Europa/América, 1983.
- BRAUDEL, F. **Reflexões sobre a história**. Tradução de E. Brandão 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 2002, p. 367.
- BURKE, P. A escola dos annales (1929-1989). **A revolução francesa da historiografia**. São Paulo: Edunesp, 1997. p. 109.
- BURKE, P. **História e teoria social**. Tradução de Klauss Brandini Gerhard & Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Edunesp, 2002. p. 39-66.
- BURKE, P. (Org.). **A escrita da história**. Novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Edunesp, 1992. p. 12.
- CAIRE-JABINET, M. P. **Introdução à historiografia**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: Edusc, 2003.
- CARELLI, M. **Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil**. Tradução de Nícia Adan Bonalti. Campinas: Papyrus, 1994.
- CARDOSO, C. F.; BRIGNOLI, H. P. Os métodos da história. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- DAUX, P. F. B. **Uma biografia**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- D'ALÉSSIO, M. M. Os Annales no Brasil: algumas reflexões. **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 2, p. 127-142, 1994.
- DOSSE, F. **A História em migalhas: dos annales à nova história**. São Paulo: Unicamp; Ensaio, 1994.
- FALCON, F. C. A identidade do historiador. **Revista Estudos Históricos**, v. 9, n. 17, p. 7-30, 1996.
- FICO, C.; POLITO, R. **A história no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica**. Ouro Preto: UFOP, 1992. 2 v.
- FOGEL, R. W.; ELTON, Y. G. R. **Qual de los caminos al pasado? Dos visiones de la Historia**. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- FONTANA, J. **Ascenso y decadência de la escuela de los Annales**. Madri: Akal, 1986.
- _____. **História: análise do passado e projeto social**. Bauru: Edusc, 1998.

ROIZ, D. S.

_____. **A história dos homens**. Bauru: Edusc, 2004.

FURET, F. **A oficina da história**. Tradução de Adriano Duarte Rodrigues. Portugal: Gradiva, 1985.

GINZBURG, C. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: _____. **A micro história e outros ensaios**. Tradução de António Narino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. p.169-178.

HOBSBAWM, E. (Org.) **História do marxismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1983-88. 12 v.

_____. A história britânica e os annales. um comentário. In: **Sobre História**: ensaios. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cia das Letras, 1998. p.193-200.

_____. **Tempos interessantes**: uma vida no século XX. Tradução de S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

HUNT, L. (Org.) **A nova história cultural**. Tradução Jefferson Luís Camargo. São Paulo: M. Fontes, 1995. p. 1-29.

LE GOFF, J. **Memória e história**. Tradução de Bernardo Leitão. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

MALERBA, J.; AGUIRRE ROJAS, C.A. **Historiografia contemporânea em perspectiva crítica**. Bauru: Edusc, 2007.

MALERBA, J. (Org.). **A história escrita**: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

PELEGRINI, S. C. A.; MARTINS, S. H. Z. Entrevista com Peter Burke. **Revista Pós-História**, Assis: v. 3, p. 11-24, 1995.

REIS, J. C. **Escola dos annales**. A inovação em História. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REVEL, J. História e ciências sociais: os paradigmas dos Annales. In: **A invenção da sociedade**. Tradução de Vanda Anastácio. Rio de Janeiro: Difel, 1989. p. 13-41.

REVEL, J. (Org.). **Jogos de escala**: a experiência da microanálise. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SILVA, R. F. **História da historiografia**: capítulos

para uma história das histórias da historiografia. São Paulo: Edusc, 2001.

TÉTART, P. **Pequena história dos historiadores**. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: Edusc, 2000.

VALDÉS, E. D. **El pensamiento latinoamericano en el siglo XX**: Entre la modernización y la identidad. Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Buenos Aires/Argentina: Biblos, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana, 2000.

WOOD, E.M. **A origem do capitalismo**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

_____. **Democracia contra capitalismo**. São Paulo: Boitempo, [19-].